

A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR O MEDO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Calúzia Santa Catarina

Lilian Greici Signor

Neide Danielli

Anderson Luis Schuck

Resumo

Considerando a importância de se buscar entendimentos acerca das emoções no desenvolvimento infantil, especialmente o medo, que é um sentimento que está presente, em todas as fases do desenvolvimento humano, é que o presente estudo busca identificar os tipos de medos apresentados pelas crianças e suas possíveis causas, como o medo do espaço escolar e o medo no período de adaptação à escola, medos do cotidiano, medos de animais, pessoas e situações. Com tantas mudanças acontecendo no cotidiano da criança, se torna de suma importância esclarecer por que a criança tem medo, as possíveis causas desses medos e como o medo pode interferir no seu desenvolvimento, além de propor formas de lidar com a criança diante dos seus medos, a fim de superá-los.

1 INTRODUÇÃO

Os medos estão ligados a etapas específicas do desenvolvimento. Apesar de serem tarefas desenvolvimentais que terão de ultrapassar, o modo e a intensidade com que os sentem varia de criança para criança, de acordo com a sua personalidade, a dos pais/cuidadores, as suas relações (escolas, colegas). Com o crescimento e correspondente a maturação cognitiva e emocional, a criança, com a colaboração dos pais/cuidadores, vai encontrando estratégias eficazes para lidar com os medos, pelo que, na sua maioria, acabam por desaparecer (MAIA; ALBUQUERQUE, 2005, p. 92).

As autoras Maia e Albuquerque (2005, p. 95), apresentam estudo com relação aos medos das crianças em idades diferenciadas, de acordo com essas autoras, o medo de lugares e pessoas estranhas, tem sua fase mais comum de 0 a 12 meses, é quando a criança ao tomar contato com o mundo tem o medo de ser esquecida na escola (abandonado), a fase mais comum é entre 2 a 3 anos, crianças que começam a se relacionar com o mundo externo e ainda veem os pais como o único e exclusivo ponto de segurança de suas vidas. O medo de ser trocado não existe fase específica e o medo do escuro e de barulhos tem sua fase mais comum entre 2 e 4 anos, assim como o medo de dormir sozinho, já o medo do sobrenatural monstros, espíritos, vampiros, bruxas, está entre 4 e 6 anos quando a imaginação da criança está a “todo vapor”, este medo pode estar relacionado a programas de televisão e filmes que a criança assiste; o medo do mundo acontece entre 5 ou 6 anos, onde as crianças estão mais voltadas para os perigos da realidade; de 8 a 11 anos a criança começa a ter medo da morte, e teme a perda de familiares, e ainda segundo as mesmas autoras, entre 12 e 18 anos é comum o medo de não ser aceito.

Desde os primeiros meses de vida a criança começa a ter medo, normalmente a criança não tem medo de animais, somente depois de cinco anos é que as crianças aprendem a sentirem este tipo de medo devido ao desenvolvimento da sua capacidade de dedução. O universo infantil é repleto de monstros e fantasmas, e há uma série de situações em que eles podem aparecer para amedrontar a criança; segundo Ballone (2001 apud QUEIROZ; GUIMARÃES, 2014, p. 63), normalmente esses bichos imaginários despertam o medo na criança durante a noite e/ou no meio de uma brincadeira.

2 DESENVOLVIMENTO

Conforme descrevem as autoras Queiroz e Guimarães (2014, p. 55), “o medo pode ser definido como sendo um sentimento de insegurança em relação a uma pessoa, a uma situação ou um objeto, é um sentimento pessoal, o que assusta um pode ser indiferente para outro”. O medo pode

ser percebido nas crianças ainda pequenas. As autoras enfatizam que tem crianças que não tinham medo de escuro ou medo de ficar só, mas devido a algo como um incidente com um adulto, ter o esquecido em algum momento, como não buscar da escola no horário marcado, isto pode levar a criança a desenvolver o medo de ser deixada ou esquecida, ou situações de constrangimento vivenciadas pelas crianças que acabam desenvolvendo o medo de enfrentar determinadas situações onde terão que se expor, falar em público, apresentar trabalhos escolares, por exemplo, ou ainda crianças que têm medo do professor, da sala de aula ou do espaço da escola.

A fobia escolar (medo da escola) esconde a angústia de separação dos pais e/ou da família, o qual é mais frequente em crianças tímidas, inseguras e que sentem medo ao enfrentar novas situações. Antes de ir para a escola, a criança pode apresentar sintomas (como dor de barriga/suores/tremores/choro/temor), que acabam passando quando a mãe aceita que a criança não vá à escola. A criança que apresenta quadros fóbicos em idade pré-escolar pode estar denunciando sua dificuldade em ficar longe dos pais, ou não querer abrir mão da presença dos mesmos. Então acaba transferindo para a escola todo sofrimento ligado à família ou a ela mesma e a escola passa a ser “o bicho papão” (QUEIROZ; GUIMARÃES, 2014, p. 62).

Parte dos medos de crianças pode ter relação com o medo existente nos seus pais; quando a mãe, ao ver uma barata, manifesta medo ou o pai crê em “coisas do além”, a criança pode passar a apresentar os mesmos comportamentos (QUEIROZ; GUIMARÃES, 2014, p. 64). Para compreendermos as origens dos medos das crianças precisamos considerar as realidades que integram seu mundo: a externa que se refere ao meio em que vive e a interna que está relacionada com sua vida emocional:

A realidade externa está relacionada com os motivos objetivos, concretos, um exemplo é o medo quando nos sentimos ameaçados com a presença de um animal selvagem ou venenoso, ou quando atravessamos a rua movimentada fora da faixa de segurança, ou antes, do sinal abrir, más

notas na escola, etc. Já na realidade interna são reais ou concretos quando provocados pela realidade externa, são considerados como absurdos e incoerentes, um exemplo é uma criança que vive na zona urbana ter medo de ser devorada por um tigre. O medo provocado pela realidade externa é de defesa instintiva e a uma simples ameaça de perigo a pessoa tende a fugir (QUEIROZ; GUIMARÃES, 2014, p. 64).

Há medos, como o medo de fantasmas, que podem ser fortalecidos devido às estratégias dos pais ou cuidadores ao tentar obter um controle sobre o comportamento das crianças contarem histórias assustadoras para que estas, por exemplo, não se afastem deles, pois do contrário o “bicho papão irá pegá-las”; assim ao estar sozinha, ao acordar em seu quarto a noite, por exemplo, a criança continua crendo que há a possibilidade de um “bicho papão” pegá-la.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AO MEDO INFANTIL

São diversos os rótulos verbais utilizados para caracterizar um estado emocional dito desagradável, que pode causar efeitos fisiológicos, como palpitações, dificuldade de respirar, tonturas, suores, etc. O medo e a ansiedade são os estados mais utilizados para caracterizar essas sensações, tanto no senso comum, como na psicologia. A sensação de estar sentindo medo ou ansiedade pode parecer à mesma, mas é necessário saber que entre os dois há algumas diferenças. A presença ou ausência de estímulos desencadeadores externos e o comportamento de evitação costumam ser as características que se utilizam para diferenciar os dois estados (BAPTISTA; CARVALHO; LORY, 2005).

Carvalho & Lory, (2005, p. 2), embasados em diversos autores descrevem que: “do ponto de vista das teorias das emoções, o medo é considerado como uma emoção básica, fundamental, discreta, presente em todas as idades, culturas, raças ou espécies, enquanto que a ansiedade é uma mistura de emoções, na qual predomina o medo”.

No desenvolvimento infantil, o medo também está presente, visto que é algo comum e inato à vida das crianças. Algumas respostas e comportamentos perante o medo acontecem a partir de aprendizados. Algumas experiências, dependendo da idade, podem ajudar a criança a desenvolver estratégias de enfrentamento. No entanto, muitos medos infantis inicialmente normais podem persistir por longos períodos e produzir diversos problemas para a criança e para sua família (SINGHGH; MORAES; AMBROSANO, 2000).

Pensando em como abordar essa temática com as crianças, de forma que seja possível compreender o seu medo, o seu mundo - seja ele real ou de fantasias -, surge a psicoterapia lúdica ou ludoterapia. A ludicidade é a porta de entrada para estabelecer um contato com a criança, a mesma estabelece um laço, idealiza, cria certa segurança, e se desenvolve na linguagem. Conforme explicam Noronha e Barreira (2016, p. 7), "ao levarmos em conta que durante a participação em jogos a criança assimila de uma maneira intuitiva, compreende-se que a própria apresenta um ganho, fortalecendo suas percepções no meio social em que vive".

O brincar e o brinquedo fazem parte da representação psíquica do interior da criança, é através deles que elas podem expressar seus sentimentos, angústias e medos que em várias ocasiões encontram-se no inconsciente, dessa maneira, a ludoterapia surgiu juntamente com as origens da Psicoterapia Infantil, tendo sido consagrado pela psicanálise a partir das ideias de Melanie Klein na década de XX e contribuições de Ana Freud, Hermine Von Hug-Helmith, que com seus trabalhos apontaram a primeira proposta de ludicidade como expressão simbólica não verbal das crianças, já que estas não conseguiam utilizar a associação livre de seus conflitos inconscientes (NORONHA; BARREIRA, 2016, p. 8).

Uma das formas lúdicas para trabalhar com as crianças é a utilização do conto de histórias, ou conto de fadas, que podem acontecer de forma individual ou grupal. Os contos de fadas produzem um papel importante no desenvolvimento infantil; Figueiredo (1998 apud ZATTO; KERN, 2014, p. 2), diz

que o fato de os contos de fadas permanecerem através dos séculos se dá em função de um poder mágico que eles têm de fazer o sujeito conhecer-se e compreender-se melhor.

Ao utilizar os contos de fadas na psicoterapia infantil, abre-se um espaço para que a criança consiga manifestar suas angústias, medos, ódios, dores, sentimentos que provavelmente não apareceriam com seus cuidadores, ou na sua casa. Quando esta técnica for aplicada em grupo, o psicoterapeuta deve estar atento para a fala de todos os participantes. Diversas publicações (FREUD, 2006/1913; GUTFREIND, 2003 apud ZATTI; KERN, 2014, p. 2) da área da Psicanálise apontam para a importância da escuta, que deve ser singular, mesmo quando se trabalha com um grupo, dando-se ênfase à subjetividade.

Ainda através dos contos é possível auxiliar a criança a ressignificar eventos. Contando uma história onde o personagem tinha medo de algo e conseguiu resolver é uma maneira de a criança se inspirar na forma como esse personagem resolveu seus medos e conseguir superar os próprios medos.

O desenho é a maneira que as crianças têm de se comunicar com o mundo, é uma linguagem singular, que nos possibilita conhecer o mundo infantil e como esta criança se sente no mundo. Desenhando a criança trará aspectos da sua realidade e dará indícios do que está ocorrendo em casa e/ou na escola, através de suas relações, da forma como ela é tratada; é possível que ela traga para o papel de forma fiel os fatos, mas se faz necessário considerar que o que a criança relata diz da forma como ela está interpretando o mundo a sua volta, ou seja, como ela está entendendo os acontecimentos, então os fatos podem não estar acontecendo tal e qual como ela descreve, mas é a forma como ela está assimilando.

[...] o interesse em trabalhar com o relato verbal de histórias fictícias (fantasia), onde a criança descreve os sentimentos dos personagens e as possíveis regras que governam seus comportamentos, se deve ao fato de que este instrumento - a fantasia - favorece a identificação de possíveis

sentimentos da própria criança, através de inferências baseadas no seu relato verbal. A fantasia foi amplamente utilizada por Stevens (1971 apud NALIN, 1993, p. 51) que, trabalhando numa abordagem gestáltica, utiliza-se desse instrumento para que o indivíduo vivencie situações, as quais supõe, possa levá-lo a ter insight sobre um determinado problema. Na psicoterapia infantil, Oaklander (1978 apud NALIN, 1993, p. 51) retoma o uso da fantasia, ainda na proposta gestáltica, descrevendo uma nova maneira de trabalhar com esse instrumento. [...] pede um desenho e conversa sobre ele. Pede ainda que escolha uma parte do desenho para ser ela mesma. Conversa sobre os sentimentos que a criança descreve, procurando estabelecer relação entre os elementos da fantasia e a vida real. Neste momento, algumas crianças relatam suas próprias dificuldades pessoais. Questiona a criança sobre as alternativas de comportamento que possam solucionar seus problemas (NALIN, 1993, p. 51).

Além do desenho há a possibilidade das histórias infantis em testes psicológicos, como o C.A.T. – A (Teste de Apercepção Infantil – versão animais), por exemplo, que possibilitam a criança desenvolver histórias a partir de lâminas com as figuras de animais que são apresentadas a ela, mas não há a necessidade da aplicação do teste, pois este só será utilizado em casos específicos como em uma avaliação psicológica, por exemplo; contar uma história de maneira bem lúdica, que possibilite a criança acessar sua imaginação e depois solicitar que ela conte uma história também, já é uma ótima oportunidade de perceber e acessar o que ela está interpretando da sua realidade e entender de onde vem o medo, qual acontecimento foi o “gatilho” que fez desencadear tal sentimento.

A proposta de trabalhar com os contos se baseou no costume que os seres humanos historicamente apresentaram e apresentam até os dias atuais de contar e ouvir histórias. Para Gutfreind (2010, p. 15 apud LOPES; DELLAGIUSTINA, 2017, p. 29), “contar histórias a uma criança é promover um programa eficiente de saúde mental”. Somou-se a isso a ludicidade que a

psicoterapia psicodramática possibilita, de dramatizar no contexto de “como se” ou faz de conta, presente nos contos infantis. Ao ouvir uma história, a criança geralmente entra nesse mundo do faz de conta e encontra palavras e imagens que podem auxiliá-la na compreensão dos próprios sentimentos. A fantasia das histórias pode ajudar a elaborar as situações do mundo real de forma lúdica (LOPES; DELLAGIUSTINA, 2017, p. 29).

Na psicoterapia infantil, para acessar o “universo” da criança será necessário, do psicoterapeuta, um “mergulho” nas brincadeiras, nas escolhas da criança, será necessário a deixar escolher se quer brincar, qual brinquedo prefere, se quer desenhar ou contar uma história a partir de algum estímulo proposto pelo psicoterapeuta (bonecos, brinquedos, livros, etc.). As autoras Lopes e Dellagiustina (2017, p. 30) em seus estudos reconhecem a importância do brinquedo como recurso lúdico na psicoterapia infantil:

Com crianças lida-se constantemente com o significado afetivo do brinquedo. Pode-se dizer que o terapeuta facilita o processo espontâneo do brincar e às vezes nele interfere, com o intuito de ajudar a criança a reviver e reagir de novas formas diante de experiências dolorosas ou conflitivas pelas quais passou na vida real. Pode-se até supor que a criança que consegue elaborar bem seus conflitos brincando espontaneamente tem uma maior saúde mental do que aquela que apresenta dificuldades em se expressar através do brinquedo.

Deve-se ressaltar então, diante do exposto, que para trabalhar com crianças, conseguir acessar suas emoções e auxiliá-la a superar seus traumas e angústias o psicoterapeuta deverá dispor de um espaço com diversos brinquedos, jogos, opções de materiais para a criança desenhar, desenvolver histórias, enfim um espaço que permita a criança fantasiar; e acessando a fantasia da criança o psicoterapeuta conseguirá entender o

contexto dela, como as relações que essa criança mantém estão influenciando no seu desenvolvimento, como essa criança está entendendo e significando o que está ocorrendo ao seu redor e assim poderá auxiliá-la a ressignificar possíveis acontecimentos traumáticos, superar medos e angústias.

3 CONCLUSÃO

Diante do exposto no presente estudo pode-se concluir que há no medo um aspecto positivo, quando este serve para ensinar as crianças a terem cautela; como exemplo pode-se citar o medo de atravessar a rua, pois diante dele a criança buscará aprender a maneira correta de fazer e executar com segurança, superando o medo e obtendo o êxito na sua tarefa. Porém o medo torna-se patológico quando a criança não é auxiliada na superação deste, mas intensificado nas falas dos adultos quando dizem que o que a criança está relatando é possível de acontecer, como o medo do "bicho papão", por exemplo; no intuito de manter a criança sob seu controle, sempre por perto, pais e/ou cuidadores tendem a usar o medo que a criança apresenta a seu favor.

Como a criança está aprendendo a internalizar coisas e significados, o medo pode ter seu início por diversas situações: atraso em buscar a criança em local e hora combinados, histórias infantis e cantigas de ninar com fadas e monstros podem influenciar na imaginação da criança, os medos podem partir da fobia dos pais, pois ao ver que o adulto tem medo de algo ela pode entender que, realmente, trata-se de algo ameaçador e começar a ter medo também. Mas é importante frisar que isso não é regra, pois ao falar em desenvolvimento humano estamos falando em subjetividades e o que faz efeito e sentido para uma pessoa pode não fazer em outra.

Há, conforme mencionado anteriormente, medos mais característicos em determinada fase do desenvolvimento infantil. Esse aspecto se faz importante, pois serve como indicativo de como essa criança está crescendo psíquica e emocionalmente, como e se está conseguindo passar

de uma fase para a outra de modo satisfatório, aprendendo o que é fantasia e o que é realidade.

Assim como a imaginação pode fazer com que a criança desenvolva medos, ela também pode ser uma aliada dos pais, cuidadores, professores e psicólogos ao auxiliar as crianças na superação desses medos. Histórias que antes tinham um enredo de possível sofrimento para o personagem, por exemplo, podem ser trocadas por superação deste personagem diante dos fatos ocorridos. Pode-se criar uma história onde o personagem principal tem o mesmo medo que a criança e concluir com a superação deste medo, assim a criança, possivelmente, irá se inspirar no personagem para superar o seu medo.

REFERÊNCIAS

LOPES, Ivone; DELLAGIUSTINA, Marilene. Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: estudo de caso na perspectiva do psicodrama. Revista Brasileira de Psicodrama, São Paulo, V. 25, n. 1, p. 28-37, 2017. Disponível em: <<https://revbraspicodrama.emnuvens.com.br/rbp/article/view/153/139>>. Acesso em: 07 fev. 2020.

MAIA, Joviane Marcondelli Dias; ALBUQUERQUE, Lucia Cavalcanti de. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. Revista Temas em Psicologia, São Carlos, V. 13, n. 2, p. 91-103, 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751425002.pdf>>. Acesso em 03 fev. 2020.

NALIN, Jaide A. R. O uso da fantasia como instrumento na psicoterapia infantil. Revista Temas em Psicologia. Ribeirão Preto, V. 1, n. 2, p. 47-56, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000200007>. Acesso em: 07 fev. 2020.

QUEIROZ, Zilma Ferreira Ramos de; GUIMARÃES, Jussara Maria de Carvalho. O medo em crianças de infâncias diferenciadas. Revista Intercambio, Montes Claros, V. 5, n. 2, p. 53-75, 2014. Disponível em: <<http://www.intercambio.unimontes.br/index.php/intercambio/article/view/41/41>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

Sobre o(s) autor(es)

Calúzia Santa Catarina.

Acadêmica do curso de Psicologia - sétimo período.
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC - Campus aproximado de
Pinhalzinho/SC.
E-MAIL: caluzia.santacatarina@yahoo.com.br

Lilian Greici Signor.
Acadêmica do curso de Psicologia - sétimo período.
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC - Campus aproximado de
Pinhalzinho/SC.
E-MAIL: liliangsignor@outlook.com

Neide Danielli.
Acadêmica do curso de Psicologia - sétimo período.
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC - Campus aproximado de
Pinhalzinho/SC.
E-MAIL: neidedanielli@gmail.com

Anderson Luis Schuck.
Psicólogo
CRP-12/10.082
Docente da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC
E-MAIL: anderson.schuck@unoesc.edu.br